

Algumas considerações sobre a Filosofia de Sartre

A sort of considerations on Sartre's Philosophy

Thiago de Souza Salvio¹

Resumo: O objetivo da seguinte exposição é apresentar nestas breves linhas o desenvolvimento *ontofenomenológico* no pensamento sartreano, levando em consideração a gênese transcendental do método descritivo do legado de Edmund Husserl. Assim, introduziremos as fontes fundamentais que acabam culminando numa nova ideia de filosofia, deslindada pelos caminhos incertos de sua própria história.

Palavras-chave: Sartre. Husserl. Fenomenologia transcendental. Ontologia.

Abstract: The objective of the following exposition is to present in those following brief lines the *ontophenomenological* development in the sartrean thought, considering the transcendental genesis of the descriptive method on Edmund Husserl's heritage. Thus, we are going to introduce the fundamental resources that terminate culminating in a new idea of philosophy, unraveled by the uncertain ways of its own history.

Key-words: Sartre. Husserl. Transcendental Phenomenology. Ontology.

* * *

1. Introdução

Jean-Paul Sartre (1905-1980) merece ênfase especial por ser autor de obras rigorosamente filosóficas; sua *magnum opus*, considerada clássico da filosofia contemporânea, a expoente capital de sua doutrina, a saber, o monumental, *L'Être et le Néant* (O ser e o Nada, 1943) é prolixa, de difícil acesso, devido à aridez da linguagem ontológica, pois inaugura um novo e renomado marco na História do Pensamento. Dentre os filósofos existencialistas, possui contumaz originalidade, graças ao direcionamento de sua marcha intelectual que não se desvia e, de sorte, tampouco se atém aos obstáculos; prova disso é o tato para manejar as eternas questões existenciais, aproximando-se da resolução delas com um sentido autêntico, claro, em termos de completude duma filosofia do ser. Portanto, estas modestas, concisas – e até saudosas – considerações, assumem

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília. Orientador: Prof. Dr. Márcio Benchimol. E-mail: thiagosalvio@hotmail.com

papéis de dois temas, para se referirem às questões da filosofia sartreana. Num primeiro momento veremos as fontes que contribuíram para o desenvolvimento da fenomenologia, em seguida, como esses elementos constituintes – especialmente os que são elaborados por Husserl (1859-1938) – assumem caráter ontológico nas mãos de Sartre.

2. O legado da escola fenomenológica

É importante ressaltarmos de modo inicial que em suas origens, a fenomenologia longe de ser um existencialismo, era uma filosofia das essências. Longe de se interessar pelo conteúdo existencial do fenômeno, ou seja, daquilo que sugere a todo instante da própria experiência, a fenomenologia colocara em xeque toda posição da existência e todo dado de fato para desengajar as essências ideais (GILES, 1989). Assim como na música erudita temos os três grandes “Bs” (Bach, Brahms e Beethoven) na filosofia temos igualmente “Hs”: Hegel, Heidegger e Husserl, fenomenólogos distintos por excelência.

O primeiro é precursor de ideias fundamentais das quais posteriormente procederão e fluirão em Sartre de maneira enfática, por exemplo, a dialética do ser e do nada, ainda que não desembocando necessariamente na “*síntese*”, ou melhor, dizendo no linguajar hegeliano, “*suprassunção*” (*aufhebung*), isto é, o devir (COX, 2007). Já no segundo caso, observável a dependência do filósofo francês em relação ao alemão, contudo, Sartre está distante dum mero heideggeriano qualquer, em verdade ele mantém um certo distanciamento crítico da ontologia de Heidegger. Sartre e sua fidelidade ao pensamento husserliano: a volta às próprias “coisas”; permanecendo leal ao conceito, à existência, fenômeno-presença *para si*; sob a perspectiva dentro da qual a coisa mesma se apresenta em pessoa, de maneira subjetiva, o ser há de alcançar-se no seio da intencionalidade fenomenológica como uma intuição, mas será sob a condição de que não haja mais diferença irreduzível entre ser e aparecer, pois o ser de um existente é precisamente aquilo que aparece², o intuito é levar a cabo a tarefa, tendo em vista que a realidade humana está radicada na consciência.

Sem dúvida, a fenomenologia, ciência da consciência pura transcendental, é uma disciplina radicalmente diferente das ciências psicológicas que

² Ibidem, 1989.

estudam a consciência do ser humano, indissolivelmente ligada a um corpo e diante do mundo (SARTRE, 2008, p. 119).

O método descritivo é a forma de como avaliar os fenômenos a partir da *intuição eidética*; a *evidência* é alcançada pela *percepção essencial* de que por trás não há algo tal referente a uma ‘coisa-em-si’, senão de que esta aparente existência se desdobra em uma série de outros fenômenos. Ter consciência é precisamente, princípio da fenomenologia de Husserl, ter consciência de si (*Bewusstseyn*): saber-se-de-si, ser declaradamente autoconsciente.

Sem dúvida, a fenomenologia, ciência da consciência pura transcendental, é uma disciplina radicalmente diferente das ciências psicológicas que estudam a consciência do ser humano, indissolivelmente ligada a um corpo e diante do mundo (id. op. cit., p. 119).

No que concerne à contraposição da fenomenologia transcendental à psicologia empírica, ressalta-se a insuficiência da atitude natural (como é de praxe nas ciências duras) perante a demarcação de seu objeto, ou seja, a consciência entendida como entidade anímica (*psiquê*), pois tal como o conterrâneo de Sartre já apontara, Henri Bergson (1859-1941), em sua veemente crítica ao *psicologismo* do século XIX, rechaçara o viés quantificador dos estados mentais, cuja prática até então perdurava nos meios científicos, tendo em vista o positivismo em sentido estrito, amante do progresso na física, bem como na matemática. Esta típica “atitude natural” reduz o problema a gradações intensificadas de estados mentais em identidades numéricas, todavia, há de se pensar o conceito de redução abstraindo do contágio das impressões imediatas de fora, de modo que, a partir da atitude reflexiva, o movimento da consciência mesma venha à tona, suspendendo os juízos hauridos da experiência mundana.

Certamente, o procedimento essencial desse método continua sendo a “redução”, a *epoché*; ou seja, a colocação entre parênteses da atitude natural; e está bem entendido que o psicólogo não efetua essa *epoché* e permanece no terreno da atitude natural (Ibid., p.120).

Com efeito, elaborada na apreensão refletida das aparências, a reflexão do fenomenólogo se distingue da via de regra indutiva, utilizada pelo psicólogo introspectivo: o primeiro busca compreender a realidade das essências, já o último, se atém aos fatos

empíricos. Não obstante, Sartre longe de condenar o desenvolvimento pleno da psicologia, nos fala sobre o método adequado que ela poderia aderir, pois se a redução não se restringe pura e simplesmente a um campo transcendental delimitado, é mister atentarmos à possibilidade duma psicologia fenomenológica.

Contudo, feita a redução, o fenomenólogo tem meios de pesquisa que poderão servir ao psicólogo: a fenomenologia é uma descrição das estruturas da consciência transcendental fundada na intuição das essências dessas estruturas (Ibid., p.120).

Na esteira do combate ao “psicologismo subjetivista”, vemos destarte, a flexível aplicabilidade metodológica que a fenomenologia almeja, espreitando os diversos territórios do saber, aspirando o ar da universalidade, numa irrefreável síntese ativa, buscando vínculos para nortear rigorosamente as demais ciências, é o que chamaríamos de “ontologia regional”. Entrementes, Sartre em seu primeiro ensaio filosófico, *L’imagination*, está obstinado em fazer valer a aplicação do método na disciplina supracitada, de maneira que o objeto em questão se dá no plano dos fenômenos imagéticos, sua função realizante (percepção), e também *irrealizante* (imaginação) é minuciosamente investigada, chegando à conclusão de que a imagem é uma consciência.

3. Fenomenologia ontológica

Pensemos por um momento na importância em alocar o ego, propriamente dito, no epicentro do âmbito ideal. Tal intento, já fora amplamente inspecionado por aqueles responsáveis pela grande virada na filosofia, ou seja, os modernos. Descartes (1569-1650) instaura a virada da observação subjetiva, com as suas *Meditações*, à primeira vista, e até resplandecendo a jactância do espírito cético, a dúvida metódica mais parece um subterfúgio (junto ao “gênio maligno”) para fins teológicos, porém, a retomada da metafísica não se esgota tão somente na prova ontológica; ao proferir o dito *‘penso, logo existo’*, a *psicologia racional* passa a ocupar local de destaque.

Immanuel Kant (1724-1804), filiado à tradição cartesiana, mas um tanto áspero quanto à fórmula de seu predecessor e as paráfrases de roupagem spinozana, wollfiana ou leibnizaiana que o acompanhavam, concedia a Descartes o mérito de deduzir do *cogito*, o

tópos noéticos do sujeito transcendental, contudo, notara uma terrível falha no embasamento das provas auferidas, uma vez que o discurso cartesiano pretendia respaldar a fundamentação da verdade em Deus. Ademais, a força solapadora da *Crítica da Razão pura*, jaz no estudo das nossas faculdades cognitivas, e até onde elas podem alcançar, isto é, amparados no limite de toda experiência possível, a realidade objetiva depende das nossas formas *apriorísticas* da sensibilidade de tempo e espaço, e das sínteses realizadas pelas categorias puras do entendimento que, em última análise, precisa se coadunar com as impressões sensíveis. Por conseguinte, a experiência ontológica da causalidade é alheia ao cogito e daí o recurso insuficiente na elaboração de juízos cujos predicados, “onipotente”, “infinito”, “perfeição divina”, nada acrescentam ao conhecimento.

As influências de Descartes e Kant são explícitas no pensamento de Husserl, ele mesmo, certa feita, admitira-se “*neocartesiano*”, contudo, herda do testamento kantiano, o idealismo transcendental. Ambos mencionados acima deixam o problema da subjetividade-objetividade, imanência-transcendência, apenas em estado embrionário, cabendo ao empreendimento da fenomenologia, senão resolvê-los, ao menos, elevá-los ao patamar apoteótico da problemática. No cenário de *La transcendence de l'égo* ("A transcendência do ego"), nosso Jean-Paul está disposto a se engajar em mais uma batalha, desta vez como adversário declarado do solipsismo. Em breves linhas de apresentação, tal problemática estava atrelada à afirmação de que, isoladamente, existe única e exclusivamente o ‘Eu’ independente do ‘outro’. Em suma, endossando o que até então temos perquirido:

Se abandonamos todas as interpretações mais ou menos forçadas que os pós-kantianos tem dado do 'Eu penso', e se quisermos ainda resolver o problema da existência de *fato* do Eu da consciência, nos encontraremos com a fenomenologia de Husserl. A fenomenologia é um estudo científico e não crítico da consciência. Seu procedimento essencial é a intuição. A intuição segundo Husserl, nos põe na presença *da coisa*. É necessário então entender que a fenomenologia é uma ciência de *fato* e que os problemas que põe são problemas de *fato*, como (...) se pode compreender considerando que Husserl a chama ciência *descritiva*.

Os problemas da relação do Eu à consciência são, pois, problemas existenciais. Husserl encontra e detém a consciência transcendental de Kant por intermédio da *epoché*. Mas esta consciência já não é um conjunto de condições lógicas, é um fato absoluto. Não é tampouco uma hipóstase de direito, um inconsciente flutuando entre o ideal e o real. É uma consciência real acessível a cada um de nós desde que operemos a "redução". Mas é exatamente ela que constitui nossa consciência

empírica, esta consciência "no mundo", esta consciência com seu "eu" (*moi*) psíquico e psicofísico. (SARTRE, 1968, p. 16) ³.

Nesta consideração acerca da consciência a nível ontológico, toma-se em mãos o conceito-chave para abrimos a porta que, quiçá, nos conduzirá ao caminho desta empreitada. Retornemos por um instante àquela ideia fundamental, tão cara à teoria husserliana, na verdade, deve-se antes, à recuperação histórico-filosófica de Franz Brentano (1838-1917) que, definitivamente, atribui um sentido preciso ao conceito de *intencionalidade*⁴; trata-se da própria intenção da consciência, sempre enquanto *consciente de algo* (*Bewusst werden*).

A intenção está no centro da consciência: é ela que visa o objeto, isto é, que o constitui pelo que ele é. O saber, que está indissolivelmente ligado à intenção, especifica que o objeto é este ou aquele, acrescenta sinteticamente determinações (SARTRE, 1996, p. 24).

Brentano, Husserl e Sartre, cada um ao seu modo, salienta que intencionalidade é a estrutura essencial de toda consciência e daquilo de que se tem consciência. O objeto da consciência “seja ele qual for (exceto no caso da consciência reflexiva), está por princípio fora da consciência, ele é *transcendente*” (SARTRE, 2008). Concordam ao dizer que, um objeto intencional não é um objeto físico, tudo quanto é consciente dele ou sobre ele, seja imagem, emoção, sentimentos⁵, etc., é caracterizado fenomenologicamente como uma coleção de aparências e não da “*fisicalidade*”. Portanto, a fenomenologia, ao invés de igualar o objeto físico a um suposto fundamento ou substrato, iguala o objeto físico a todas suas aparências, as atuais e possíveis. As aparências não são distintas da realidade, elas são realidade, a aparência é uma positividade total, aparente a nós, existe à medida que aparece para nós, independente de nós (COX, 2011).

³ Livre tradução nossa da versão espanhola (Cf. *La transcendencia del Ego*, traduzido por Oscar Masotta).

⁴ Etimologicamente, intenção (*Intentio*; *intendere = tender a ou para*). Tomás de Aquino (1225-1274), em sua *Suma Teológica*, depois de Santo Agostinho (354-430), talvez tenha sido o escolástico medieval que melhor designou sofisticadamente a precisão deste conceito, apesar do uso dogmático *in theologicis*, todavia, há de se notar aí, relevante significação filosófica. O tópico da *Suma* onde esta noção é desdobrada, está na seção sobre o ‘Pensamento Humano’ (Cf. ST, I, q. 85,87); Brentano faz este resgate, aproveitando a rica implicação semântica do termo, em prol do vocabulário fenomenológico.

⁵ Entre 1935 e 1939, tais objetos intencionais estarão enfaticamente presentes no pano de fundo das investigações de *L'Imagination* (“A Imaginação”), *L'Imaginaire* (“O Imaginário”) e *Esquisse d'une théorie des émotions* (“Esboço de uma teoria das emoções”).

A fenomenologia, como dissemos, recolhe o ponto de vista transcendental, mas levando a cabo uma abordagem inédita da questão: *a consciência é intencional*, é consciência de objetos, os quais se apresentam diante dela como uma experiência singular, ou seja, *intuição eidética*. Consciência não é, de todo, uma forma abarcante, no sentido de unidade absoluta relativamente ao objeto; este não aparece dentro daquela, e sim, mais adequadamente, diante dela, em outras palavras, é a capacidade de lidar com a *presencialidade*. Husserl denomina tal situação como o ato de dar sentido – *nóesis*: o ato no qual se dá a essência. Mas, se a consciência não é um abarcante, o objeto tampouco o é, em consequência, ela pode ir mais além dele, transcendê-lo, essa ultrapassagem, é seu *horizonte*. Toda objetivação (constituída de sentido), bem como a aparição de dados ulteriores que sucederão (nova dinâmica de fenômenos ou, simplesmente, o devir) perfila-se nesse plano horizontal, permitindo que a assimilação do dado percebido, possa continuar se complementando, pois, não é num primeiro vislumbre, que a torre Eiffel desvelará sua *raison d'être*; há de se aproximar cada vez mais do entorno que a circunscreve, entender a base da sua estrutura, a partir do alicerce que a fundamenta, a consolidação das quatro vigas se unindo ao grande pilar, bem como a aparição de dados ulteriores que sucederão com o tempo (mudanças cambiantes). Por fim, a consciência considerada em seu mais íntimo pólo subjetivo é um presente conservado constantemente (fluxo sem sucessão), uma espécie de “*eterno agora*” repondo-se sem o fio condutor da temporalidade. Essa postura fenomenológica permite conceber o desenvolvimento da noção de ego transcendental que se torna acessível mediante a consideração da consciência enquanto *ser de seu ser*. E assim, nos mantemos fidedignos ao conselho aristotélico sobre o procedimento da *filosofia primeira*.

4. Conclusão

Agora bem, à guisa de nossas considerações finais, voltemos de sobressalto àquela asserção: “a realidade está radicada na consciência do homem”, com isto, o bosquejo da abordagem de cunho antropológico está delineado, pois, se de fato, a fenomenologia transcendental é herdeira de Kant, e deve mérito a ele, então podemos constatar o insigne brilho da jóia cravejada no cetro das questões filosóficas imortais, a saber, “o que é o

homem?” Para responder esta pergunta, Husserl não medira esforços, elaborou um sistema de encadeamentos lógicos intrincados, numa malha conceitual soberba. Sartre caminhara na mesma esteira, porém, rumo a uma revolução existencialista: “a existência precede a essência”, a primazia ontológica da primeira reflete na realidade fenomenológica da última, uma vez que ela esta sempre se constituindo em direção a Liberdade.

Recapitulando, Sartre é ferrenho defensor da fenomenologia, tomando-a pela raiz, e neste viés, identificamos sua radicalidade, não há mais que fenômenos, claro, no sentido husserliano, contudo, esses mesmos são levados a consequências existencialistas. Atrás das aparências não há nenhum *númeno*, ou qualquer clamor sob o pretexto duma “coisa-em-si”, tampouco a substância *hylemórfica* de Aristóteles, são conceitos passíveis de serem discernidos por uma consciência reflexiva. Ademais, o fenômeno do ser único se esbarra na pluralidade de vários outros, posto que do ser se dá outro ser, e assim sucessivamente como condição do que devém. Neste ponto, podemos encontrar na raiz dos problemas existenciais particulares, uma constante universal: o ser consciente de seu maior imperativo, ser livre.

Referências

- COX, G. *Compreender Sartre*. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*, trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- GILES, T. R. *História do existencialismo e da fenomenologia*. Editora Pedagógica e Universitária, 1975.
- SARTRE, J.-P, 1905-1980. *A imaginação* / tradução de Paulo Neves. Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.
- _____. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação* / trad. Duda Machado. São Paulo, SP. Ed. Ática, 1996.
- _____. *La transcendencia del Ego*/ trad. Oscar Masotta. Buenos Aires – Argentina, Ediciones CALDEN, S. R. L. – 1968.
- _____. FRANCO, C; MOREIRA, M. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Ed. Vozes - 1997.
- TOMÁS, DE AQUINO. *Suma teológica*. Trad. Aimom-Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, v. 1, 2001.